

Sessão Coordenada 72 - **RELAÇÕES INTERPESSOAIS E HABILIDADES SOCIAIS: INTERFACE COM FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO AO LONGO DO CICLO VITAL**

PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES DE UMA ONG SOBRE SUAS HABILIDADES SOCIAIS E DIFICULDADES INTERPESSOAIS. *Vanessa Barbosa Romera Leme (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Salgado de Oliveira – Niterói, RJ) Luana de Mendonça Fernandes** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Salgado de Oliveira – Niterói, RJ); Neidiany Vieira Jovarini ** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Salgado de Oliveira – Niterói, RJ); Ana Maria Nunes El Achkar** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Salgado de Oliveira – Niterói, RJ)*

A passagem a novos grupos e contextos sociais impõe ao adolescente demandas interpessoais e torna mais provável a sua exposição ao risco. Estudos indicam que o trabalho exercido por adolescentes caracteriza-se numa situação de vulnerabilidade psicossocial. Contudo, a adolescência envolve o enfrentamento de circunstâncias que transcendem a preparação para o início da atividade laboral. A pesquisa teve por objetivo investigar as percepções de adolescentes sobre a conciliação trabalho-estudo e o relacionamento com a família, pares e parceiros românticos, identificando habilidades sociais e dificuldades interpessoais. Participaram do estudo 40 adolescentes, com idade entre 13 e 16 anos (27 meninas e 13 meninos) de nível socioeconômico baixo que frequentavam um programa de inserção laboral oferecido por uma entidade não-governamental (ONG), e estavam matriculados no Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas da área central da cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por meio da realização de quatro grupos focais, com 8 a 12 adolescentes em cada grupo, com duração média de 90 minutos. Antes de participarem do estudo, todos os adolescentes entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinados por seus responsáveis legais e responderam à um Questionário sobre nível socioeconômico. Os grupos focais foram gravados e as falas dos adolescentes foram transcritas integralmente e, posteriormente, foram analisadas por meio de Análise de Conteúdo. Os relatos dos participantes foram agrupados em quatro núcleos temáticos estabelecidos previamente: (a) relacionamento com a família; (b) relacionamento com pares; (c) relacionamentos com parceiros românticos; (d) relação escola-trabalho. Para os três primeiros núcleos temáticos, as falas dos adolescentes foram agrupadas em três categorias: (1) Comportamento assertivo; (2) Comportamento agressivo; (3) Comportamento passivo. Para a relação escola-trabalho foram identificadas 10 categorias emergentes: (1) Manifesta interesse em trabalhar; (2) Não manifesta interesse em trabalhar; (3) Incentivo da família para trabalhar; (4) Ausência de incentivo da família em trabalhar; (5) Expectativa positiva em trabalhar; (6) Querer ajudar a família; (7) Não querer ajudar a família; (8) Conciliação estudo-trabalho; (9) Entendimento do trabalho; (10) Papel de gênero no universo de trabalho. Os resultados indicaram que tanto para o relacionamento com a família (75,3%), quanto o relacionamento com pares (53,5%), os adolescentes relataram, na maioria das vezes, comportamentos agressivos e passivos em diversas situações, tais como ajudar com tarefas domésticas e lidar com a pressão dos colegas. No que diz respeito ao relacionamento dos adolescentes com parceiros românticos, 50% dos comportamentos foi classificado como assertivo e 50% como agressivo (21,7%) e passivo (28,3%). Em concordância com a literatura, para o relacionamento escola-trabalho, a análise dos relatos indicou que os adolescentes têm pouco conhecimento sobre a escolha profissional e o mercado



de trabalho, bem como identificaram tanto aspectos positivos quanto dificuldades em conciliar trabalho e estudo. Discute-se as implicações da frequência elevada de situações baseadas em agressões físicas e psicológicas, bem como caracterizadas por estereótipos de gênero na família e com parceiros românticos. Os dados da pesquisa possibilitarão conhecer a realidade social e as vivências dos adolescentes que serão utilizados em um programa de Treinamento em Habilidades Sociais.

Adolescência, habilidades sociais, trabalho.

Faperj

Pesquisador - P

DES - Psicologia do Desenvolvimento

O REPERTÓRIO SOCIAL, A COMPETÊNCIA ACADÊMICA E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DE ALUNOS NOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL AVALIADOS POR PROFESSORES: ESTABILIDADE E DIFERENÇAS DEVIDO À CONVIVÊNCIA ANTERIOR. *Marta Regina Gonçalves Correia Zanini** (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto); Edna Maria Marturano (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto)*

Na escola, relações interpessoais podem ser promotoras de desenvolvimento. O recurso ao professor como um avaliador de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de seus alunos tem sido recorrente nos anos iniciais do Ensino Fundamental - EF. Tendo em vista este fato são objetivos deste trabalho: a) verificar o grau de estabilidade das avaliações realizadas por professores acerca das habilidades sociais, dos problemas de comportamento e da competência acadêmica dos alunos ao longo dos três primeiros anos do EF; b) comparar a estabilidade das avaliações feitas no 3º ano, entre professores que estão lecionando para a turma pela primeira vez e professores que já lecionaram para a turma; c) comparar a média de habilidades sociais, desempenho acadêmico, potencial cognitivo, competência acadêmica, problemas de comportamento, sintomas de estresse e percepção de estressores escolares apresentadas por alunos que tiveram o primeiro contato com o professor no 3º ano e por alunos que tiveram contato em anos anteriores. Participaram 151 alunos avaliados longitudinalmente no 1º, no 2º e no 3º ano quanto a habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica (Social Skills Rating System - Professores), potencial cognitivo (Matrizes Progressivas Coloridas de Raven), sintomas de estresse infantil (Escala de Estresse Infantil), percepção de estressores escolares (Inventário de Estressores Escolares) e desempenho acadêmico (Provinha Brasil). Foram consideradas as avaliações de 25 professoras realizadas no 1º ano, de 30 no 2º ano e de 33 no 3º ano. Os alunos foram divididos em três Grupos – G1, com avaliações feitas por professores que lecionaram para a turma apenas no 3º ano (n=120); G2, com avaliações realizadas por professores que já tinham lecionado para alunos da turma em anos anteriores - 1º e/ou 2º ano (n=31); G3, com avaliações realizadas por professores que acompanharam a turma por dois anos consecutivos - 2º e 3º ano (n=24). Na análise estatística foram utilizados o teste de correlação de Pearson e o teste t de Student para comparações entre grupos. Os resultados mostraram que as avaliações dos professores são estáveis ao longo dos anos, tendo em vista as correlações observadas (r entre 0,252 e 0,762). As correlações entre avaliações feitas pelo mesmo professor são fortes para as habilidades sociais (exceto autodefesa) e para os problemas de comportamento externalizante e internalizante. Para competência acadêmica, a correlação foi forte independente do grupo. As comparações com o teste t indicaram que o grupo de alunos com contato prévio com o professor – G2, apresentou maior responsabilidade e cooperação e menos sintomas de estresse, e também uma tendência (p=0,063) a menos problemas de comportamento externalizante. Os resultados indicam que diferentes professores têm avaliações concordantes sobre os alunos e que o mesmo professor tende a manter consistentemente a sua percepção dos alunos em anos consecutivos. A familiaridade contribui para avaliações mais positivas por parte do professor e também para menos sintomas de estresse relatados pelos alunos. Esses dados são de importância prática para as escolas e também para reflexão em torno das políticas públicas, constituindo uma contribuição da psicologia para a área.

Ensino fundamental, desempenho acadêmico, competência acadêmica
CNPq; Fapesp.

Pós-Doutorado – PD / DES - Psicologia do Desenvolvimento

COMPARAÇÃO ENTRE A COMPETÊNCIA ACADÊMICA E O REPERTÓRIO SOCIAL DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO POR MEIO DE INSTRUMENTOS DE RELATO. Denise Dascanio (*Faculdade de Psicologia, Universidade Paulista, Bauru, SP*), Zilda A. P. Del Prette (*Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP*)

Um das formas de se avaliar as habilidades sociais são os métodos de relato que compreendem as escalas, inventários, entrevistas, testes sociométricos e podem ser de autoavaliação ou avaliação por outros significantes (pais, professores e pares), permitindo o acesso indireto aos desempenhos sociais. Esse tipo de medida permite avaliar uma grande quantidade de sujeitos em um breve espaço de tempo e obter informações sobre um amplo conjunto de comportamentos, muitos deles difíceis de serem acessados por meio de observação direta, tais como sentimentos e pensamentos. No entanto, as medidas de avaliação, no geral, apresentam algumas limitações, considerando os inventários, escalas e questionários, as principais seriam (a) a tendência de os sujeitos se colocarem no ponto médio das escalas; (b) a influência da desejabilidade social; (c) a escassez de critérios externos para validar os resultados dos instrumentos; (d) a característica situacional-cultural das habilidades sociais em contraposição à formulação genérica dos itens de alguns instrumentos. Alguns autores apontam ainda que as limitações desses instrumentos tornam-se mais acentuadas em relação à população infantil, provavelmente em razão das dificuldades próprias do estágio de desenvolvimento das crianças e conseqüentemente a maior dificuldade dessas em auto-observação e automonitoria, o que levaria a uma avaliação menos precisa. Uma tentativa de sanar as limitações supracitadas seria a avaliação multimodal, que deve incluir diferentes instrumentos, procedimentos e informantes. O presente estudo descreve a aplicação de instrumentos de relato para avaliação de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica em crianças que foram contaminadas por chumbo. Participaram 155 estudantes, entre 8 e 17 anos, com idade média de 13 anos, e seus respectivos professores. Os participantes foram divididos em três grupos de acordo com o nível de contaminação por chumbo no organismo (plumbemia): Grupo com Alta Plumbemia (superior a 10 µg/dl); Grupo com Baixa Plumbemia (inferior a 5 µg/dl) e Grupo de Comparação (sem plumbemia). Para avaliar as habilidades sociais foram utilizados os instrumentos SSRS-BR, versão criança e professor e o IHSA-Del-Prette; para os problemas de comportamento e competência acadêmica utilizou-se o instrumento SSRS-BR, versão professor. Por meio da Análise Multivariada de Variância (MANOVA), identificou-se prejuízo no repertório comportamental, acadêmico e social, associado ao nível de plumbemia, quando esses aspectos foram avaliados pelo professor. Porém, na condição de autoinforme, os adolescentes com alta plumbemia se autoavaliaram mais positivamente nas classes de habilidades sociais civilidade e assertividade do que os adolescentes com baixa plumbemia e, também, em relação aos adolescentes sem plumbemia, maior escore em abordagem afetiva e, de forma marginalmente significativa, maior escore em assertividade. Os resultados em geral confirmaram os achados da literatura, ainda que com alguns dados aparentemente contraditórios, como em relação aos avaliadores do repertório social, para os quais foram elaboradas hipóteses explicativas. Mesmo reconhecendo os limites das medidas indiretas, este estudo amplia o conhecimento da área à medida que abarca multinformantes de indicadores relevantes do desempenho social infantil.

Avaliação, repertório social, contaminação infantil por chumbo.

Capes

Doutorado – D / DES - Psicologia do Desenvolvimento

ADOLESCENTES COM E SEM INDICADORES DE DEPRESSÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS HABILIDADES SOCIAIS ENTRE OS SEXOS. *Josiane Rosa Campos** (Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos - São Carlos, SP), Almir Del Prette (Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos - São Carlos, SP)*

A literatura tem mostrado consistentemente altas taxas de transtornos depressivos na adolescência. Diferentemente dos adultos, os sintomas depressivos na adolescência podem manifestar-se com “comportamentos explosivos” e sabe-se que os adolescentes deprimidos sofrem de rejeição social, apresentam, portanto, dificuldades de relacionamentos interpessoais. Como uma das explicações desse dado, os estudos têm apontado que os adolescentes deprimidos ou com indicadores de depressão apresentam déficits de habilidades sociais. No entanto, a maioria das pesquisas apresenta amostras homogêneas e poucas investigações separaram a amostra por sexo e realizaram a análise de gênero, o que dificulta a identificação de semelhanças e diferenças no repertório de adolescentes com e sem indicadores de depressão. Nesse sentido, a presente pesquisa apresentou por objetivo caracterizar e comparar o repertório de habilidades sociais de adolescentes com e sem indicadores de depressão, separando a amostra por sexo e realizando as análises de gênero. Participaram da pesquisa 75 meninas com indicadores de depressão (grupo subclínico) e 74 meninas sem indicadores de depressão (grupo não clínico), 28 meninos com indicadores de depressão (grupo subclínico) e 29 meninos sem indicadores de depressão (grupo não clínico) com idade de 12-14anos, de escolas públicas. As características sociodemográficas como idade, escolaridade e status socioeconômicos foram emparelhadas. Os instrumentos utilizados foram: Inventário de Depressão Infantil e Inventário de Habilidades Sociais Para Adolescentes (IHSA-Del Prette). Para avaliar as comparações entre as frequências das classes de habilidades sociais nos indicadores de frequência e dificuldade dos grupos subclínico e não clínico foi utilizado o teste estatístico Qui-quadrado de independência χ^2 e foi adotado um nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$). Os principais resultados apontaram, no caso das meninas, que houve diferença estatisticamente significativa nos indicadores de frequência entre os grupos nas subescalas: Indicador Geral de habilidades sociais, F2-Autocontrole, F3-Civilidade e F4-Assertividade. O grupo não clínico relatou apresentar maior repertório de habilidades sociais quando comparado ao grupo subclínico. No caso dos meninos, houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos apenas para a subescala F6-Desenvolvimento Social. O grupo não clínico relatou apresentar maior repertório de habilidades sociais quando comparado ao grupo subclínico. A partir dos dados obtidos, hipotetiza-se que as meninas com indicadores de depressão podem apresentar um padrão considerado agressivo, pois há baixo repertório de autocontrole e assertividade quando comparadas às meninas sem indicadores de depressão. Os dados parecem esclarecer sobre o que a literatura aponta sobre os “comportamentos explosivos” presentes na depressão na adolescência. Além disso, o baixo repertório de habilidades sociais de civilidade relatado pelo grupo subclínico pode auxiliar a iniciar ou manter o isolamento social característico de pessoas deprimidas. Para os meninos com indicadores de depressão, os dados sugerem dificuldades de comunicação, um retraimento social. Nos indicadores de dificuldade, também houve diferenças estatisticamente significativa entre os grupos, para ambos os sexos. As limitações e alcances do estudo serão discutidos.

Habilidades sociais, depressão, adolescentes

Capes

Doutorado – D / DES - Psicologia do Desenvolvimento

A FAMÍLIA BRASILEIRA ESTÁ ENVELHECENDO: A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS E DA SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL PARA O RELACIONAMENTO ENTRE PAIS IDOSOS E FILHOS ADULTOS. *Ana Carolina Braz (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto, Portugal)*

As mudanças demográficas das últimas décadas (aumento na expectativa de vida, ingresso de mulheres no mercado de trabalho, casamentos tardios, divórcios) favorecem a convivência entre diferentes gerações de uma mesma família. Nesse contexto situa-se a Solidariedade Intergeracional (SI), conceito oriundo da Sociologia das Famílias. Este constructo foi elaborado a partir de evidências empíricas de estudos longitudinais e é composto por seis dimensões: (1) afetiva (sentimentos e avaliações), (2) conflituosa (percepções sobre tensão e divergências), (3) consensual, (concordância em opiniões e valores), (4) funcional (apoio), (5) normativa (expectativas sobre obrigações e normas) e (6) estrutural, (oportunidade de interação, refletindo a proximidade geográfica). Paralelamente, a Psicologia das Habilidades Sociais estuda as interações sociais sob a perspectiva das Habilidades Sociais (HS) e, mais especificamente, de suas diferentes classes como por exemplo, Assertividade, Conversação e desenvoltura social, Expressividade emocional. Considerando que esses dois campos teóricos estejam inseridos no contexto interpessoal do desenvolvimento humano, é possível supor uma interface entre eles em que as Habilidades Sociais poderiam ser condições antecedentes e favorecedoras dos relacionamentos interpessoais mais positivos e, num sentido mais amplo, de Solidariedade Intergeracional. Adicionalmente, embora estudado em diversos países, o constructo da Solidariedade Intergeracional ainda foi pouco explorado no contexto brasileiro. Deste modo, o objetivo desta Tese foi avaliar uma possível interface entre HS e SI. Participaram deste estudo 69 díades de pais idosos e de filhos adultos, com idades entre 60 e 85 anos e entre 25 e 50 anos, respectivamente. As díades foram organizadas de acordo com o sexo dos participantes, havendo, portanto quatro tipos de díades: Mães e filhas ($n = 17$), Mães e filhos ($n = 18$), Pais e filhas ($n = 17$), Pais e filhos ($n = 18$). Os instrumentos utilizados foram: IHSI-Del-Prette, IHS-Del-Prette, Escala de Solidariedade Intergeracional, e Critério Brasil. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais. Inicialmente, foram realizadas análises de correlação para variáveis sociodemográficas, habilidades sociais e solidariedade intergeracional. Foram encontradas evidências de associação entre estas variáveis em níveis intra e intergeracionais. A partir destas evidências, foram desenvolvidos modelos de equação estrutural para análises díadicas por meio do Actor-Partner Interdependence Model, com dois preditores (ao nível de significância de $p < 0,05$, com tamanho de efeito - D de Cohen - igual a 0,15 e poder estatístico de 0,80). As Habilidades de Expressividade emocional parecem influenciar a SI Afetiva, enquanto as HS de Enfrentamento parecem influenciar o Conflito, e as HS de Conversação e Desenvoltura Social parecem influenciar as dimensões de SI Normativa. São discutidas as implicações destes resultados para pesquisa, avaliação, intervenção, formação de profissionais de saúde, formulação de políticas públicas e programas sociais.

Habilidades sociais, solidariedade intergeracional, idoso-adulto.

Fapesp

Doutorado - D

DES - Psicologia do Desenvolvimento